

OFICINA DE TURBANTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

TALLER DE TURBANTES: RELATO DE EXPERIENCIA

Ariana Mara da Silva¹

Fonte: Evandson Firmo, 2014.



RESUMO

Relato sobre a oficina de turbantes incluída na programação da IV Semana da Consciência Negra da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), realizada em 2014. A oficina, que teve como principal objetivo mostrar as influências da cultura negra no Brasil e na América Latina, foi dividida em duas partes: discussão teórica visando à obtenção e propagação de conhecimentos sobre a cultura afro, e a parte prática, que consistiu no ensino e realização da amarração de turbantes.

Palavras-chave: Consciência negra. Oficina de turbantes. UNILA. Apropriação Cultural.

RESUMEN

Relato acerca del taller de turbantes, incluido en la programación de la V Semana de la Consciencia Negra de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA), realizada en el 2014. El taller tuvo como principal objetivo enseñar las influencias de la cultura negra en Brasil y en América Latina. Se ha dividido en dos partes: discusión teórica para obtener la propagación de conocimientos sobre la cultura afro, y la parte práctica, que consistió en la instrucción y realización de amarradura de turbantes.

Palabras clave: Conciencia negra. Taller de turbantes. UNILA. Apropiación Cultural.

¹ Bacharel em História/UNILA. E-mail: ariannacortes@hotmail.com.

A oficina de turbantes foi preparada, especificamente, para a IV Semana da Consciência Negra da UNILA de 2014. Decidimos realizá-la porque algumas estudantes manifestaram a vontade de aprender maneiras diferentes de amarrar os turbantes, já que atualmente é um importante acessório de moda.

As primeiras discussões foram sobre quem poderia ensinar as amarrações, já que não sabíamos como fazer. Surgiram os nomes de Sábatha, estudante da UNILA que usa o acessório no dia a dia, e o de Cristiane, praticante de uma religião de matriz afro-brasileira que utiliza os turbantes para definir a hierarquia religiosa, o candomblé. A partir do momento em que elas aceitaram ministrar a parte prática da oficina, começamos a pensar na parte teórica. Foi neste momento que surgiram várias dúvidas e inquietações, algumas ainda sem respostas.

Começamos, então, a buscar quais os significados de cada amarração nas sociedades onde os turbantes são utilizados. Sabíamos da existência dessa informação, pois durante o Festival Latinidades 2014 foi oferecida uma oficina de turbantes com duas mulheres quilombolas, uma da Colômbia e outra do Equador, em que ambas ensinaram as amarrações e explicaram os significados. O problema é que não havia gravado as informações, passadas oralmente, conforme as tradições africanas de transmitir o conhecimento desta forma — e não escrita, como na sociedade ocidental.

Criamos um grupo secreto no Facebook para discutirmos e compartilharmos materiais que fôssemos achando sobre o significado dos turbantes. Nas pesquisas, encontramos muitas (muitas mesmo!) blogueiras de moda ensinando como amarrar os turbantes. Eram blogueiras negras, brancas, japonesas e de diversas origens, mas nenhuma delas explicava o significado do que estavam amarrando na cabeça. Por causa desse fato específico, Thamires e Janaína, outras duas oficinairas, sugeriram que discutíssemos na oficina a questão da apropriação cultural que se fez dos turbantes nas sociedades ocidentais, ou seja, a moda étnica (outra coisa que precisa muito ser discutida, mas não exatamente nesse espaço).

Durante a oficina, pautamos as discussões a partir da busca pelo significado das amarrações dos turbantes. Deixamos claro que não conseguimos as informações para apresentar, mas que continuaríamos procurando para compartilhar com todos. Em relação à apropriação cultural, questionamos se gostaríamos de participar disso e se estaríamos dispostos a fazer algo para mudar. Foram discussões ricas, várias pessoas colaboraram. Uma delas foi Cristiane, que trouxe uma tia candomblecista há muito tempo e que colaborou bastante com as discussões. Discutimos também a apropriação dos *dreadlocks*, prática estética muito antiga que foi apropriada pela cultura rastafári, a qual milhares de pessoas utilizam sem fazer a menor ideia de seu significado.

Acabadas as discussões, partimos para a prática. Dividimos o grupo em duplas e, enquanto Cristiane e Sábatha ensinavam as amarrações, as duplas se revezavam para colocar nos(as) parceiros(as). Cristiane focou em explicar os significados das amarrações conforme o candomblé.

Encerrada a oficina e, creio eu, devido a sua repercussão positiva, fomos convidadas a ministrá-la no Colégio Arcângelo Nandi, em Santa Terezinha de Itaipu. Como a faixa etária era muito diferente e o público muito maior do que na UNILA, focamos em discutir a presença do negro



Fonte: Evandson Firmo, 2014.

na sociedade brasileira e na região de Foz do Iguaçu, utilizando dados demográficos e de violência. A prática de fazer os turbantes foi apresentada como mais uma maneira da importante presença afro na cultura brasileira. Os estudantes, aparentemente, gostaram da prática. Vários se ofereceram para que fizéssemos as amarrações em suas cabeças. As meninas foram mais tímidas, mas não deixaram de participar; algumas até mesmo fizeram suas próprias amarrações.

A avaliação positiva da oficina no colégio ficou por parte da diretora, que nos agradeceu e convidou para que voltássemos com essa e outras ações.

O principal objetivo da oficina era mostrar a presença e a ativa participação do negro no Brasil e em toda a América Latina. Apesar de algumas dificuldades encontradas, conseguimos estabelecer as relações necessárias para que os públicos da UNILA e do Colégio Arcângelo Nandi entendessem a importância dos negros na nossa sociedade. Obviamente, é um trabalho que precisa ser continuado e abordado das mais diversas maneiras, mas o primeiro passo foi dado e com sucesso!